

APRESENTAÇÃO

Este projeto urbanístico foi elaborado com o sentido de definir a forma de ocupação do Setor Sul do campus da Universidade de Brasília, atendendo ao disposto na Resolução do Conselho Diretor da UOB, de nº021/87, de 20 de Maio de 1987, a qual, em seu parágrafo 2º estabeleceu que seja reservada "Área no extremo sul do Campus, situada em trecho lindeiro à via de ligação L2 Norte e Avenida das Nações para, à critério do Conselho Diretor, permitir a construção de prédios que possibilitem a instalação de organismos nacionais e internacionais, ocupados com atividades externas às da UnB, mas ligados ao ensino, à pesquisa e às atividades científicas e culturais, objetivando uma maior interação entre a Universidade e a comunidade."

Este trabalho representa um detalhamento de proposições constantes do Plano Geral do Campus, apresentadas em sua última versão de 1987, tendo sido elaborado por equipe técnica constituída de arquitetos ligados ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo e à Prefeitura Universitária.

INTRODUÇÃO

A Universidade de Brasília passa por um processo de ampliação de sua ação, tanto internamente, através do aperfeiçoamento de suas unidades de produção intelectual, como nas suas relações com o mundo exterior, através de um estreitamento de relações com a comunidade, tanto em escala local, como a nível nacional e internacional.

Este fato acarreta a necessidade de ampliação do espaço físico existente para melhor acomodar atividades acadêmicas e de extensão universitária já em desenvolvimento, como também sugere a criação de espaços para atividades futuras, através da concepção e implantação de novas áreas urbanizadas, nas quais serão construídos novos edifícios.

O projeto aqui apresentado atende a três objetivos convergentes:

1 - Responde A necessidade de ocupação de áreas do campus atualmente ociosas, através de um processo claro de apropriação e demarcação de todo seu território.

2 - Cria os espaços necessários para acolher, no território da Universidade, Órgãos de Governo ou outras Instituições vinculadas com as atividades de ensino e pesquisa, cujas presenças possam contribuir para o desenvolvimento do relacionamento Universidade<--->Sociedade.

3 - Favorece a inserção do Campus no contexto dos espaços públicos de Brasília, contribuindo assim para o enriquecimento do patrimônio urbanístico da Capital Federal.

O PROBLEMA

A ocupação do Setor Sul, uma nova Área urbana a ser criada dentro do campus da UnB, suscita um conjunto de questões que poderão ser agrupadas nos seguintes tópicos:

1 - Esta iniciativa permitirá que se exercite uma das diversas formas de diluição de barreiras que se interpõem entre a vida universitária e a vida urbana, já que favorece a instalação, dentro do campus, de atividades que possam promover uma maior aproximação com a comunidade cidadã; parte da cidade estará no campus.

2 - A concepção de novas Áreas urbanas suscita uma reflexão sobre tendências do desenho urbano, questionando-se a inclinação natural de seguir implantando no campus edifícios isolados, cercados por extensas Áreas verdes. Porque não criar estruturas mais densas, contendo o elenco de espaços públicos usualmente presente nas boas cidades que conhecemos, procurando ampliar os níveis de "encontrabilidade" da Área, minimizando seus custos de implantação e utilização?

3 - Maior intensidade de uso do solo permitirá atingir maiores níveis de economicidade das redes de infraestrutura e serviços : procura-se criar uma Área urbana autosustentável, reduzindo o onus da criação e manutenção dos extensos jardins, com todas as decorrências de altos custos de implantação do sistema viário e da infraestrutura, bem como da rede de serviços (segurança, limpeza, etc.), que correrão às custas da própria Universidade.

4 - A ideia de maior intensidade de uso do solo poderá ser acompanhada da possibilidade de maior diversidade de usos na Área, visando a complementaridade das atividades que ali se desenvolvem, evitando-se critérios rígidos de zoneamento.

5 - Estas reflexões sobre a concepção urbanística do Setor Sul do Campus sugerem ainda uma especulação sobre a oportunidade da criação de uma estrutura urbana materializada através de adições de boas e oportunas obras de arquitetura, de tal modo que sua forma final seja o coroamento de um processo, e não a realização de uma hipótese mal formulada na partida.

6 - A ocupação urbana do Setor Sul do Campus significa um movimento no sentido de maior integração física da Universidade com Brasília, tanto do ponto de vista da acessibilidade quanto de sua participação na imagem da cidade, já que se situa às margens de importante artéria, que no futuro dará acesso às áreas de expansão de Brasília, através das pontes que transporão os braços ao Norte do Lago Paranoá.

Estas questões se impuseram como marco referencial para este trabalho. Esperamos que tenham sido adequadamente contempladas no estudo urbanístico aqui apresentado.

ANALISE DO SITIO

- Delimitação da Área

O Setor Sul do Campus ocupa posição privilegiada no espaço da cidade. A área é delimitada a Sul, Leste e Oeste por vias da maior importância no contexto da trama viária de Brasília. Ao Norte, tem na sua vizinhança imediata as áreas do Campus ocupadas pelos edifícios destinados às atividades de ensino e pesquisa, mais especificamente pela Faculdade de Ciências da Saúde, o Laboratório de Doenças Tropicais e o recém construído Laboratório de Termo Biologia.

A Planta nº01 mostra a inserção da área na cidade. Ao seu redor encontram-se áreas destinadas a usos institucionais (Escolas, Hospitais, Ambulatórios, Órgãos da Administração Pública, etc.), residenciais (Superquadras, Setor de Manções), de lazer (clubes esportivos, associações, parques), além de grandes áreas, destinadas normalmente a instituições públicas ou privadas, de natureza diversa, tais como IBM, Serpro, Centro de Treinamento da Telebrás, Laboratório de Pesquisas do IBDF, OIT, etc.

- Topografia

O terreno apresenta pequena declividade (em média 5%), inclinando-se levemente em direção ao setor de clubes e ao Lago Paranoá. Não são observadas alterações significativas de relevo, como depressões ou elevações acentuadas.

Suas margens se ajustam naturalmente, sem desniveis incômodos, com as vias circundantes, facilitando a determinação dos acessos ao Setor.

- Condicionantes Visuais

Em virtude da topografia e da forma de inserção da Área em questão na paisagem da cidade, o terreno é visto de vários pontos a seu redor, e mesmo distantes, os quais foram demarcados no Mapa nº1.

Por outro lado, no próprio terreno foram identificados pontos de interesse cênico importantes, que permitem amplas visuais na direção do Lago, por sobre as Áreas vizinhas e oferecem vistas do próprio Campus, a partir de linha divisória das vertentes que compõem sua topografia.

Estes elementos foram levados em conta para elevar os níveis de legibilidade da estrutura urbana a ser criada, orientando visualmente os usuários nos momentos de aproximação, entrada e circulação na intimidade de seus espaços públicos. Deverão também ser considerados no desenvolvimento dos projetos arquitetônicos a serem elaborados para o Setor.

- Vegetação.

O terreno apresenta quatro formações de vegetação distintas, que certamente condicionarão as intervenções a serem preparadas para o Setor:

* Um renque de eucaliptus de grande porte formando uma cercadura não muito compacta, inclusive com algumas falhas, margeando as vias L3 e N4 Leste.

* Um campo de cerrado ralo, já afetado pelos sucessivos roçados, com arvoredos esparsos, que ocupa cerca de 60% de toda a Área.

* Ampla mancha de um cerrado mais denso, com excelentes indivíduos de espécies nativas interessantes, como pequisseiros, sucupiras, e outras.

* Uma linha de exuberante arborização, plantada pelo DPJ ao longo da via L4 Leste, principalmente em seu canteiro central.

DIRETRIZES CONCEITUAIS

Elaborar estas diretrizes significou formular, por assim dizer, uma "teoria" de desenho urbano aplicável ao plano diretor físico do complexo destinado a atividades urbanas a serem implantadas no Setor Sul do Campus da UnB.

Este marco conceitual contém um conjunto de indicações de como tratar as questões de forma dos esquemas urbanísticos e das edificações, derivadas dos diversos estudos que se ocupam com a caracterização do espaço construído contemporâneo. Se apoia na identificação de atributos da forma urbana que, no decorrer da história dos assentamentos humanos, vem se comprovando empiricamente como inerentes às cidades mais confortáveis, estimulantes e mais belas que conhecemos.¹

Uma característica básica deste nosso processo de elaboração de diretrizes, é que se trata da identificação de certos aspectos da relação *espaço-físico/apropriação-social*, sobre os quais já se pode extrair indicadores para o projeto de "boas formas urbanas".² Estes indicadores possibilitarão a profissionais, administradores e usuários, elaborar, discutir, aprovar e implantar propostas urbanísticas que possuam a qualidade de conter, de partida, o germen de sua aceitação e viabilidade.

Um fundamento deste conjunto de diretrizes, que pode ser considerado um paradigma para este estudo, é o esforço de recuperar a urbanidade de certo modo perdida nos esquemas urbanísticos de concepção modernista, e que efetivamente moldaram o campus da UnB, tanto quanto outros campi concebidos nos últimos anos no Brasil.

DIRETRIZES

D1 - Mosaico de Unidades Urbanas

Evitando estruturas extensas e indiferenciadas, propõe-se que o complexo urbano, a ser criado na extremidade Sul do campus, seja sub-dividido em unidades pequenas, personalizadas, facilmente identificáveis, com limites e entradas bem definidas, convenientemente articuladas entre si, através de ruas e passeios. Estes sub-conjuntos deverão

¹Christopher Alexander, em seu "A Pattern Language" trata de identificar extenso conjunto de diretrizes para desenho, aplicáveis às diversas escalas do ambiente construído. Esforço semelhante é desenvolvido neste trabalho.

²Kevin Lynch, em seu livro "A boa Forma Urbana", arrisca delimitar atributos da boa forma urbana, sustentando que não há como desvincular as realizações urbanísticas de uma "pauta de bom e de mau", ou seja, de juízos de valor.

ser dimensionadas de modo a se colocarem facilmente ao domínio do pedestre, devendo receber múltiplas atividades para garantir sua vitalidade como unidades básicas de vida coletiva.

D2 - Áreas de Circulação Local

Para evitar os inconvenientes decorrentes da invasão dos veículos em nossas estruturas urbanas (intranquilidade, insalubridade, ruído, intromissão visual, etc.), propõe-se que se procure um equilíbrio entre a circulação de pedestres e veículos, porém, sem separá-los radicalmente. As vias arteriais não deverão penetrar as novas áreas a serem criadas, porém, as vias distribuidoras e de acesso local deverão percorrer convenientemente os espaços públicos, tocando, em lugares estratégicos, os espaços de uso exclusivo dos pedestres.

Os espaços públicos devem constituir um repertório de compartimentos articulados, revelados tanto ao pedestre como ao ocupante dos veículos que penetram os diversos setores do campus.

D3 - Estacionamentos

Os grandes espaços de estacionamento afetam negativamente o microclima, são desagradáveis de atravessar, prejudicam a drenagem natural do terreno; neles o pedestre se sente um intruso. Propõe-se que as áreas de estacionamento sejam minimizadas, não ultrapassando 10% das unidades urbanas. É preferível a criação de diversos pequenos estacionamentos, a adoção de extensas áreas pavimentadas, apinhada de veículos, salpicada de raquíticas árvores.

D4 - Nós de Atividades

Agrupar atividades diversas em torno de espaços públicos significativos, por exemplo uma praça, de forma simbiótica, para que se auto-sustentem, de tal maneira que sejam constituídos verdadeiros nós de concentração de vida urbana. Estes nós serão distribuídos pelo complexo urbano, articulados convenientemente por um sistema de passeios que se dirigem para o mesmo.

D5 - Passeios

Os passeios ligam os nós de atividades, de modo a que entre eles não se faça marcha a pé superior a 10 minutos. Nos extremos destes caminhos deverão estar atividades que lhe assegurem animação, incentivando circulação de pedestres nos dois sentidos. Dadas as condições de nosso clima é desejável

que estes passeios sejam sombreados, através de alguma das seguintes soluções: renque de árvores de porte adequado, e folhagem permanente; marquises projetadas dos edifícios; arcadas; pèrgulas; passarelas de ligação entre os prédios; posicionamento adequado dos edifícios, em relação à orientação do Sol, de modo a que projetem sombras nas calçadas.

D6 - Comunidades de Trabalho

Os locais de trabalho devem agrupar-se para formar comunidades fortemente identificadas. Estas devem ser suficientemente pequenas para que as pessoas que lá trabalham possam se conhecer pelo menos de vista, porém, de tal dimensão que permita oferecer comodidades para seus usuários: comércio, serviços, esportes, lazer, etc.

Os locais de trabalho devem conter uma mescla de atividades, intelectuais burocráticas, artesanais, comerciais, que favoreçam certa complementaridade entre elas.

Se os lugares de trabalho se agruparem em torno de pátios, praças, ruas, etc., enfim, espaços comuns onde pessoas possam sentar-se, conversar, jogar, comer, etc., o contato entre os membros da comunidade de trabalhadores será fortalecido.

Tanto a comunidade de trabalho quanto a residencial podem se beneficiar ao compartilhar instalações e serviços: restaurantes, cafês, bibliotecas, etc.

D7 - Relação Campus Cidade

"O campus deverá ser preservado, enquanto território universitário, conservando sua identidade, em termos de imagem e função. Entretanto,...(propõe-se que se traga)...um pouco da cidade para seu interior, através da incorporação de outras atividades urbanas e, conseqüentemente, de tipologias distintas, que " ...articuladas "as já existentes valorizariam os edifícios e lugares de valor histórico. Tal opção, acarretaria um novo ritmo de vida ao campus, incrementando a interação entre o mesmo e a cidade."3

DB - Geometria Viária

Propõe-se que na malha viária sejam evitadas as interseções de quatro direções, perpendiculares ou oblíquas, dando preferência aos entroncamentos em T, em ângulo reto.

³Marcos Zimbres e Maude Carneiro, "Sobre como romper o isolamento", Boletim da UnB nº72.

Retas superiores a 300 metros são desfavoráveis para a caracterização de unidades de percepção, sobre as quais os usuários sintam maior domínio. Evitá-las é uma boa maneira de desencorajar tráfego de veículos em alta velocidade.

Domesticar o veículo não é apenas uma questão de consciência do motorista, mas uma boa relação pedestre-veículos nas vias locais poderá ser obtida através da introdução de elementos de fricção no sistema viário de modo a reduzir a velocidade de circulação, tais como: interseção em 90°, curvas fechadas, chicanes, estrangulamentos, rugosidades no pavimento, etc.

A hierarquização das vias, pode ser expressa em termos de largura das faixas de rolamento, e das atividades que se desenvolvem em suas margens. Entretanto outros de recursos de projeto, tais como natureza do pavimento, sinuosidades, sinalização, etc. poderão contribuir para que esta hierarquia seja melhor definida.

A malha deverá ser concebida de modo a evitar percursos ociosos para os veículos de serviço e transporte público, bem como minimizar os comprimentos de ruas, visando a economicidade das redes de infra-estrutura e serviços, tanto quanto ao que se refere aos custos de implantação, como quanto ao custos de utilização e manutenção.

O super-dimensionamento do sistema viário, provoca rupturas no tecido urbano. É importante que as faixas de rolamento sejam dimensionadas, de início, por um padrão mínimo, deixando para uma avaliação posterior as obras de ampliação das dimensões das vias, naqueles pontos em que forem percebidas dificuldades, como congestionamento, riscos de acidentes, carência de estacionamento, etc.

D9 - Áreas ajardinadas acessíveis

As áreas ajardinadas e bosques, quando próximos dos locais de trabalho são mais frequentados, representando um recurso importante para amenizar os complexos de edifícios, mesmo os destinados ao trabalho. Portanto, propõe-se que as massas construídas sejam entremeadas de jardins públicos, pátios ajardinados privativos, e sejam configurados de forma a assegurar vista e acesso fácil às áreas de parque do campus.

D10 - Praças Públicas

As praças públicas quando muito extensas e mal constituídas dificilmente se caracterizam como espaços favoráveis ao encontro e de agradável travessia. É desejável que, nos complexos urbanos a serem criados, sejam constituídas

pequenas praças, em contraposição aos enormes espaços públicos do campus. Suas dimensões deverão ser referidas a certos atributos tais como: identificação de rostos, audibilidade aos chamados, e densidade ocupacional propícia ao encontro. Tais qualidades estariam ligadas aos seguintes dados numéricos: densidade - até 30m²/pessoa.

largura de 20 a 40 metros.

comprimento não limitado.

As praças, como outros espaços públicos, terão seu uso potencializado pelas atividades que a circundam, pelas entradas dos edifícios, por pontos de interesse criados em seu interior, até mesmo por um adequado fluxo de transporte que as tangencie.

D11 - Vitalidade à Noite

É conveniente agrupar atividades que funcionam à noite e se sustentam mutuamente, para formar centros de luz e vida noturna, seguros e animados.

D12 - Arquitetura de adições

Evitando a monotonia e ilegibilidade dos complexos muito grandes e repetitivos, propõe-se que se aceite uma arquitetura e um urbanismo de adições, nos quais, a cada momento a sociedade acrescenta um elemento novo de linguagem, refletindo atos e fatos sociais e culturais de diversos momentos da história do campus. Deverá ser assegurada uma articulação conveniente entre os novos edifícios, ou outras intervenções, sempre comprometidas com um processo gradativo de valorização dos espaços públicos.

D13 - Paradas de Ônibus

É preciso que as paradas sejam facilmente reconhecíveis, agradáveis e rodeadas de atividades para criar pequenos nós de vida urbana, lugares seguros, agradáveis e estimulantes. Estes locais poderiam ser ajardinados, dotados de mobiliário urbano (bancos, abrigos, etc), e seriam circundados por bancas de jornais, pequeno comércio e ambulantes.

D14 - Altura dos edifícios

Ao contrário das proposições modernistas, que preconizam edifícios altos, circundados de extensas áreas verdes, propõe-se que sejam criados edifícios de pouca altura, entremeados de pátios e jardins, reforçando a relação interior-exterior, aproximando as pessoas da paisagem e das outras pessoas, de tal modo que das janelas elas se sintam parte integrante do cenário. No campus é praticada uma

altura equivalente a três pavimentos e cobertura, que propomos seja adotada como limite máximo para todas as demais construções.

D15 - Espaços públicos projetados

Um dos problemas dos esquemas urbanísticos de inspiração modernista é que frequentemente os espaços públicos são meros resíduos, resultantes do jogo geométrico dos edifícios. É necessário que se criem espaços públicos com formas claras e definidas, a exemplo do que se faz nos projetos dos edifícios. Estes espaços deverão ser circundados com grupos de edifícios, árvores, pérgulas e marquises, grupos de arbustos, muros, etc., para configurá-los como entidades espaciais de caráter positivo.

"Estes espaços devem funcionar como elementos essenciais de interação dos usuários com o meio ambiente, ou como elementos de interação de pessoas, dentro e fora dos edifícios" (Alexander, 1977).

D16 - Edifícios estreitos

Propõe-se que os edifícios sejam concebidos de tal forma que suas alas sejam estreitas, de preferência com 12 metros de largura, visando o favorecimento da ventilação cruzada, procurando-se assegurar iluminação natural para todos os ambientes de trabalho, voltando sempre as janelas para o exterior, atendendo a preocupações quanto à conservação de energia e à segurança contra incêndios.

U17 - Orientação ao Sul

Dadas as condições do clima de Brasília deve-se evitar a insolação excessiva dos passeios públicos. Neste sentido propõe-se a orientação criteriosa de ruas e praças, procurando-se a proteção dos edifícios e dos elementos paisagísticos para evitar a insolação inclemente dos quadrantes Nordeste, Noroeste e Oeste.

U18 - Valorização do sítio

Propõe-se que os edifícios sejam localizados, de preferência, em áreas que se encontrarem em piores condições, valendo-se das construções para melhorar as partes deterioradas e menos saudáveis do terreno. Deve-se evitar utilizar para construção, os segmentos do sítio que se encontrem em boas condições, ecológicamente equilibrados, ricos em vegetação e de microclima agradável.

PROPOSTA

Após a análise dos condicionantes do projeto urbanístico e das diretrizes conceituais, foram elaboradas três alternativas de organização espacial para a Área, definidas basicamente por três estruturas viárias distintas.

Estas alternativas são apresentadas esquematicamente nos diagramas abaixo. A alternativa 1 apresenta dois eixos principais ligando as vias L3 e L4, e um sistema de 4 vias distribuidoras, que constituem com as primeiras uma malha que estrutura toda a Área.

A segunda alternativa propõe a criação de somente uma via principal, entrando pela via L4 Leste, penetrando a Área na direção do núcleo central do Campus. Desta via nascem as vias distribuidoras, como indicado no diagrama.

A terceira alternativa representa uma síntese das duas propostas anteriores, prevendo um binário disposto na direção Norte-Sul, dos quais nascem as vias distribuidoras e locais, predominantemente na direção Leste-Oeste.

Esta alternativa foi reconhecida como a mais apropriada pelos seguintes motivos:

- 1- Permite o acesso a área pela Via L4 Leste, artéria que vem ganhando importância na trama viária da cidade.
- 2- O binário formado por pistas de mão única favorece a redução do efeito de ruptura da estrutura urbana, amenizando a presença do tráfego principal dentro da Área.

3- O sistema de distribuidoras pode ser associado ao sistema de circulação de pedestres, que através de caminhos exclusivos, calçadas e praças pode atravessar o Setor na direção Leste-Oeste, caminhando das Superquadras Norte em direção ao Lago.

4- Cria-se uma rede viária hierarquizada que assegure a acessibilidade a todos os pontos do Setor Sul, ligando-o convenientemente com a estrutura viária existente no Campus.

O Detalhamento desta alternativa resultou no Plano Urbanístico do Setor Sul, que apresenta as seguintes características:

-SISTEMA VIARIO

A ossatura viária permaneceu como proposta inicialmente, procurando-se, entretanto, aplicar os preceitos indicados nas diretrizes de projeto. As vias que compõem o binário desenvolvem curvas suaves que permitem a constituição de seqüências de percepção gradual dos espaços criados, através de "compartimentos" bem delimitados, constituídos pelas fachadas dos edifícios e grupos arbóreos convenientemente localizados (Ver Plantas 3 e 5). As interseções em T, retas não muito longas, faixas de rolamento dimensionadas pelo mínimo, foram os recursos utilizados para favorecer um fluxo mais controlado de veículos privados e coletivos, amenizando o impacto do tráfego na intimidade da Área.

Foram previstas áreas de estacionamento ao longo de todas as vias, conforme o diagrama apresentado a seguir:

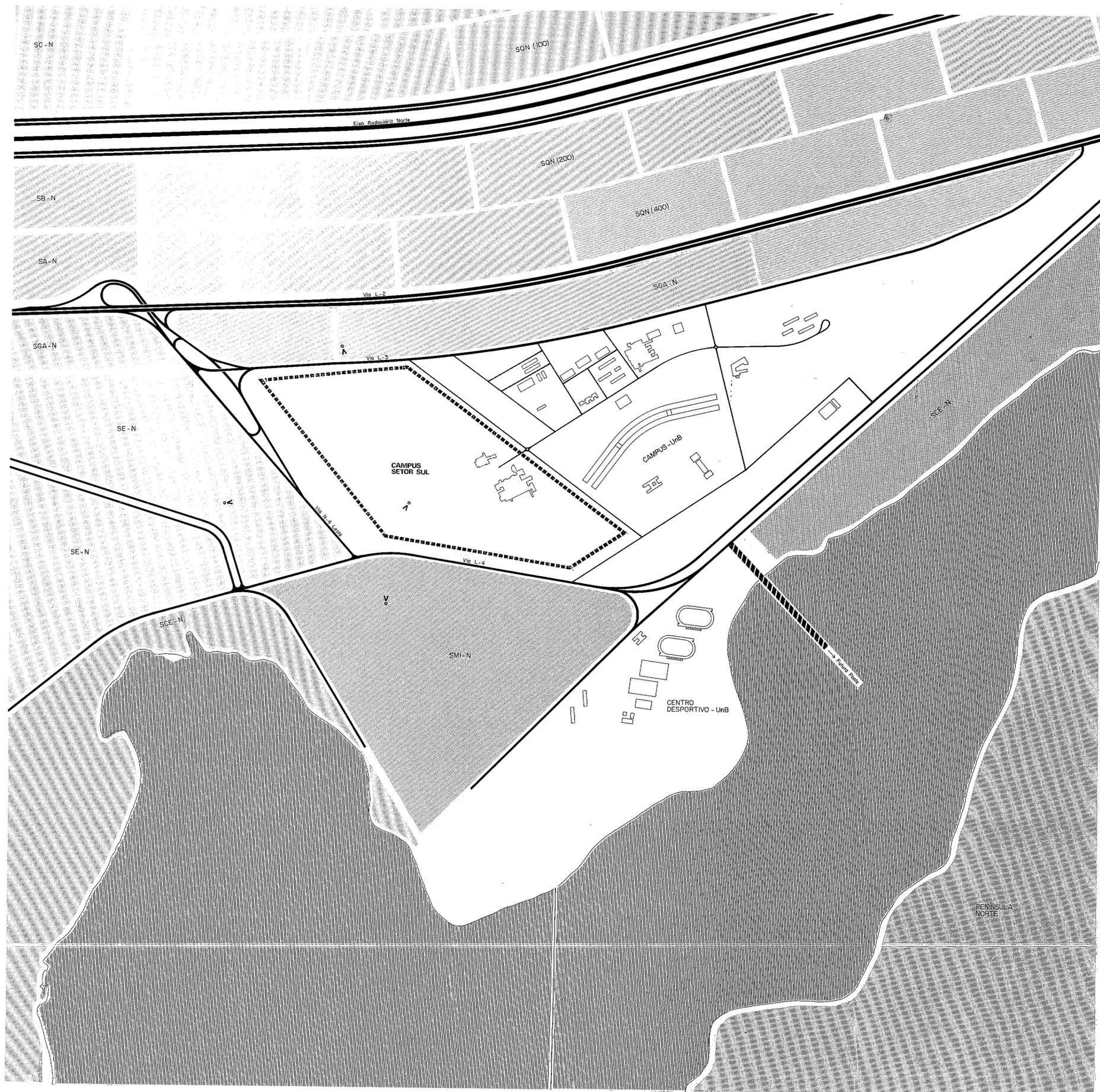
Além desta solução, foram sugeridas a criação de uma variedade de estacionamentos de pequeno porte a serem implantados junto a praças e parques, os quais deverão ser projetados no momento da elaboração dos projetos de paisagismo, os quais definirão o tratamento a ser dado a todas as áreas públicas.

-USOS DO SOLO

Na planta nº4 foram indicadas as dimensões das quadras onde serão implantados os edifícios do Setor Sul. Nesta planta foram indicadas, além da Área de cada parcela, as atividades que poderão se estabelecer nas mesmas. Esta normatização é mais permissiva que limitante, e procura estabelecer certa miscigenação de usos procurando elevar os níveis de animação, segurança e conforto naquele setor do Campus.

BRASILIA, 20 DE MARÇO DE 1988

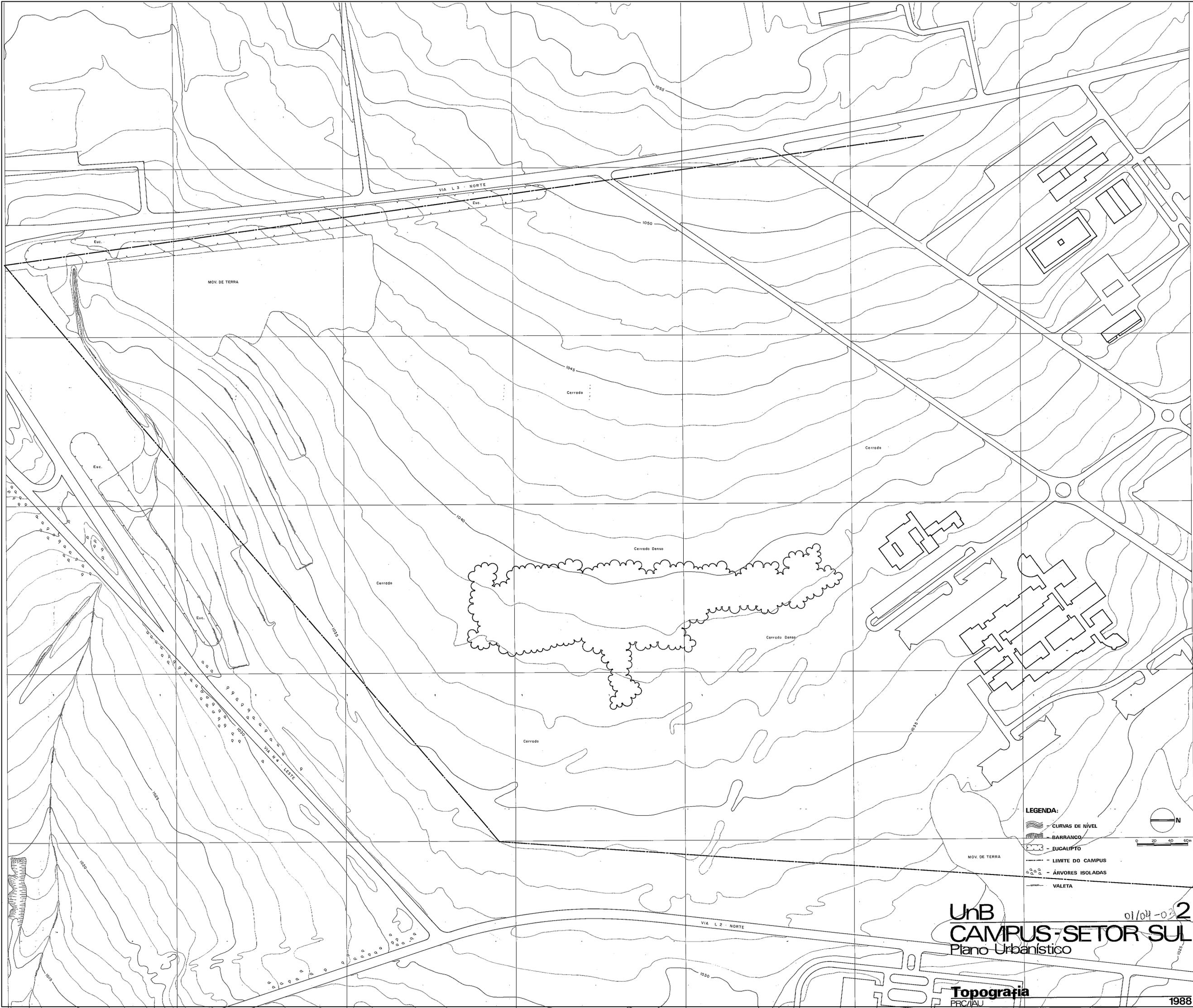
EQUIPE: Paulo Zimbres
Alberto de Faria
Viviane A. Curi



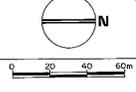
UnB 01/04-021
CAMPUS-SETOR SUL
 Plano Urbanístico

Localização
 PRC/IAU

1988



- LEGENDA:**
- CURVAS DE NÍVEL
 - BARRANCO
 - EUCALÍPTO
 - LIMITE DO CAMPUS
 - ÁRVORES ISOLADAS
 - VALETA

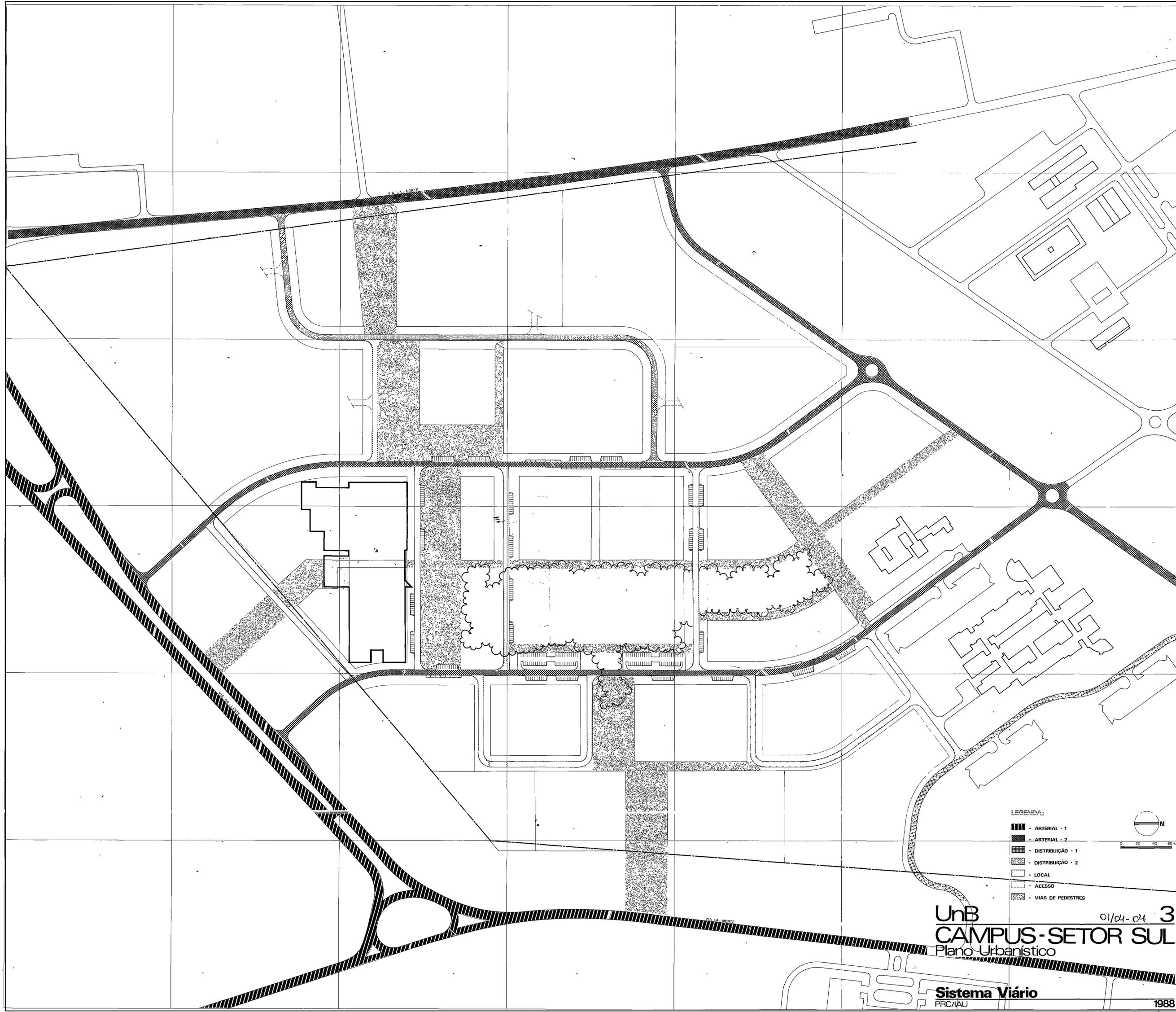


UnB
CAMPUS - SETOR SUL
 Plano Urbanístico

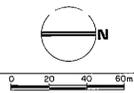
01/04-032

Topografia
 PRC/IAU

1988



- LEGENDA:
- ▬ - ARTERIAL - 1
 - ▬ - ARTERIAL - 2
 - ▬ - DISTRIBUIÇÃO - 1
 - ▬ - DISTRIBUIÇÃO - 2
 - ▬ - LOCAL
 - ▬ - ACESSO
 - ▬ - VIAS DE PEDESTRES



UnB
CAMPUS - SETOR SUL
 Plano Urbanístico

01/04-04 3

Sistema Viário
 PRC/AU

1988



QUADRAS 312 698,00 m²

Q. 1 - 8 662,00	Q. 9 - 8 600,00
Q. 2 - 29 844,00	Q. 10 - 10 000,80
Q. 3 - 77 182,00	Q. 11 - 8 701,00
Q. 4 - 8 100,00	Q. 12 - 8 813,00
Q. 5 - 20 627,00	Q. 13 - 8 988,00
Q. 6 - 19 455,00	Q. 14 - 12 328,00
Q. 7 - 11 506,00	Q. 15 - 13 499,00
Q. 8 - 4 000,00	Q. 16 - 27 161,00
	Q. 17 - 35 232,00

PRAÇAS 32 369,00 m²

BOSQUE 34 001,00 m²

CALÇADAS/ÁREA VERDE 74.499,00 m²

SISTEMA VIÁRIO 33.547,00 m²

- VIAS	27 034,00
- ESTACIONAMENTOS	6.513,00

LEGENDA:

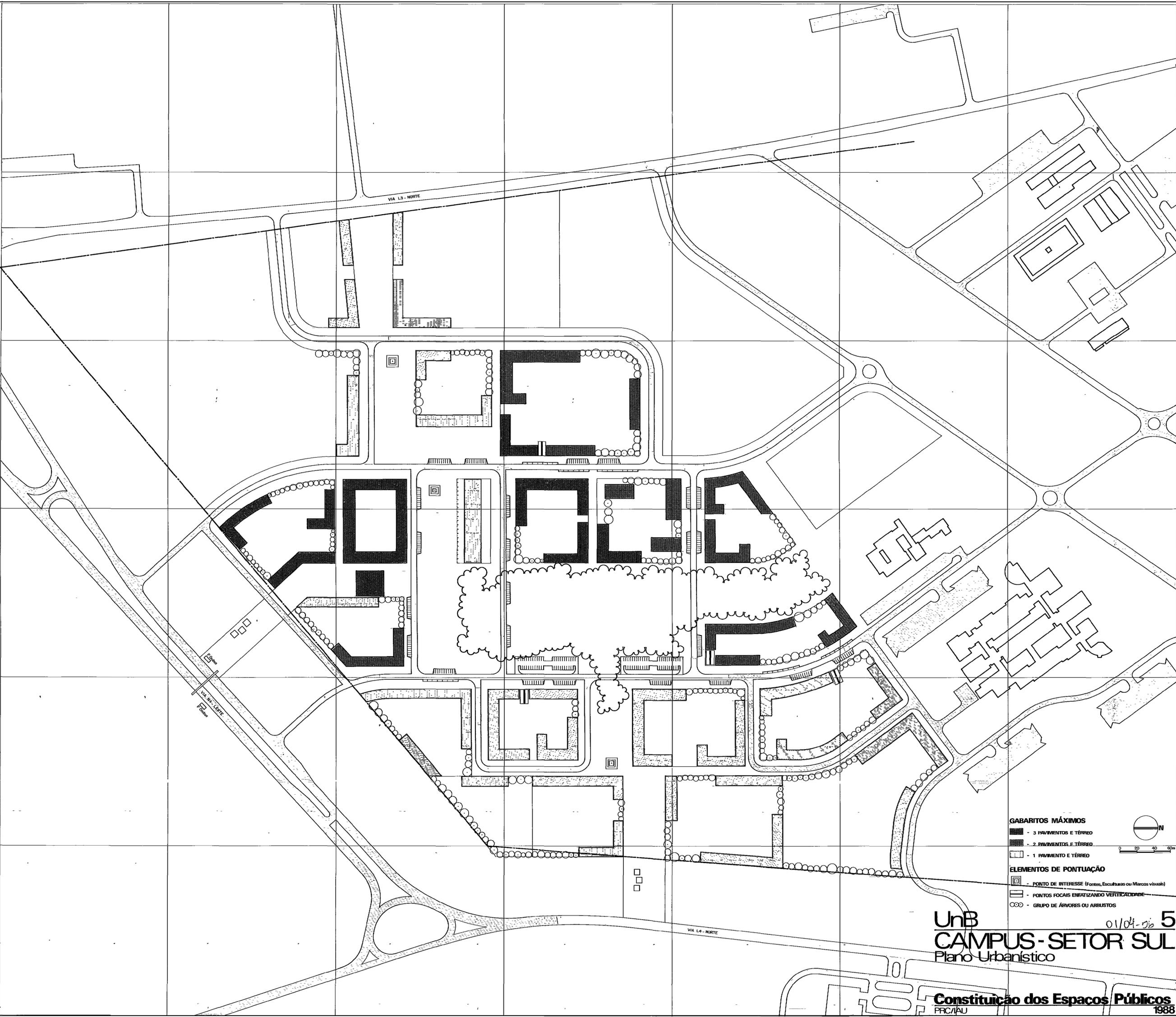
- ▭ - EDIFICAÇÕES EXISTENTES
- ▭ - ENSINO E PESQUISA
- ▭ - RESIDÊNCIA
- ▭ - MULTI-FUNÇÃOAL
- ▭ - COMÉRCIO
- ▭ - QUADRAS PARA O CNP

0 20 40 60m

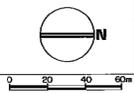
N

UnB
CAMPUS-SETOR SUL
 Plano Urbanístico

01/04-05 4



- GABARITOS MÁXIMOS**
- - 3 PAVIMENTOS E TÉRREO
 - ▨ - 2 PAVIMENTOS E TÉRREO
 - - 1 PAVIMENTO E TÉRREO
- ELEMENTOS DE PONTUAÇÃO**
- ⊠ - PONTO DE INTERESSE (Fontes, Esculturas ou Marcos visuais)
 - ▭ - PONTOS FOCAIS ENFATIZANDO VERTICALIDADE
 - - GRUPO DE ÁRVORES OU ARBUSTOS



UnB
CAMPUS - SETOR SUL
 Plano Urbanístico

01/04-05 5